

O ESTADO DE S. PAULO

p. 84

ANC
As

Bandeiras podem levar à Constituinte

JOSÉ MARIA MAYRINK

O fazendeiro defende a terra, as mulheres lembram os direitos femininos e a criança, os advogados denunciam escândalos financeiros, o presidente de uma associação de

mutuários alerta para a volta do fantasma do BNH. E o homem mais assaltado de São Paulo promete proteção para os 320 mil brasileiros que são, como ele, vítimas da intervenção do governo em bancos e instituições financeiras. São todos can-

didatos e, com as bandeiras que levantaram em sua militância política e em sua experiência profissional, pretendem conquistar agora os votos dos eleitores que se preocupam com as grandes causas nacionais — como a reforma agrária, o

feminismo, o menor abandonado, a ecologia, a casa própria e o combate ao crime do "colarinho branco". E, sendo paulistas, alguns pregam teses regionais, como, por exemplo, o antimalufismo e a luta contra a herança do governo Paulo Maluf.

Pecuarista quer enxotar fantasma da reforma

Pecuarista, industrial e fazendeiro, quatro vezes deputado e suplente nas eleições de 82, quando se candidatou pelo PDS, o empresário Sérgio Cardoso de Almeida, de 82 anos, é um incansável batalhador em defesa da propriedade privada: sempre foi contra a reforma agrária e jamais deixou de pregar suas idéias, as mesmas que repete agora nos palanques de praça pública e nas concentrações da UDR — União Democrática Ruralista. Invoca o exemplo da exuberante economia paulista e denuncia o que, no seu entender, é uma maquiagem comunista que pretende destruí-la. Seu discurso:

"Toda a energia econômica brasileira e tudo que se pode produzir vem da livre empresa no comércio, na indústria e na agricultura. A prova é o que se vê no Estado de São Paulo: a começar pela Capital, que no fim do século passado não estava nem entre as dez maiores cidades do Brasil. Graças ao café e à imigração, São Paulo tornou-se a maior manifestação do capitalismo, um sistema maravilhoso de livre empresa e de capitalismo. Preciso defender esse sistema contra a ideologia de metade do PMDB, contra o PT, a CUT e a Pastoral da Terra da CNBB. São as forças que tentam destruir a propriedade rural e urbana. A reforma agrária que a esquerda prega é um cavalo de Tróia para estatizar o País. Muita gente tem vergonha de se insurgir contra a reforma agrária, de tanto que se repisa o slogan, mas eu tenho coragem de denunciar a conspiração. Reforma agrária significa falta de alimentos, pois vai dividir a terra entre milhões de chacareiros incapazes de produzir até o que eles comem. Uma prova é o México: fez quatro reformas em 70 anos e transformou-se no quarto importador de alimentos do mundo".

Sérgio Cardoso de Almeida — que produz cana, cereais e cria gado, com fazendas em Ribeirão Preto, Araçatuba, Goiás e "até na Transamazônica" — afirma que, apesar da modernização da agricultura, sempre haverá lugar para o homem no campo, "embora não haja trabalho o ano todo". Por isso, sempre haverá trabalhadores fugindo para as cidades.

"Só em São Paulo, há cerca de 1,5 milhão de trabalhadores autônomos que trabalham na lavoura, mas vivem nas cidades. São eles (o candidato não os chama de bóias-frias) que fazem o serviço que a máquina não faz, na colheita de café, cana e algodão, por exemplo. Ganham mais do que bancários, mais de Cz\$ 5 mil por mês, e só precisam de mais recursos do governo para melhores condições de moradia e alimentação. Esse tipo de trabalho existe nos Estados Unidos e até na Rússia, onde eu vi camponeses levando gente da cidade para as fazendas coletivas".

Na opinião de Sérgio Cardoso de Almeida, "só mesmo imbecis podem pensar num plano regional de reforma agrária, como foi o primeiro plano para São Paulo, com o qual se pretendia colocar 800 mil homens e suas famílias em 70% do território paulista". Não se considera um reacionário e espera ir à Constituinte pelo PFL para fazer o governo desistir da desapropriação de terras produtivas e da destruição de empresas produtoras, "a começar por São Paulo, o Estado líder, que tem um PIB superior ao da Argentina".

do pela vitória de Orestes Quêrcia em São Paulo.

"A mulher vai dar o exemplo e, se formos muitas mulheres em Brasília, faremos os homens criarem vergonha naquele Congresso emasculado. Somos metade dos eleitores e dos cidadãos brasileiros, e talvez consigamos fazer um chamamento para as coisas mais simples. A mulher, que é matriz e mãe, aquela que provê, pode trazer de volta a linguagem do bom senso."

A luta da mulher, segundo Therezinha Zerbini, tem de começar pelo combate à fome, passando pela reforma agrária e pela justiça de melhores salários. "A criança será a primeira beneficiada", diz ela, situando sua posição em defesa dos direitos da mulher como parte de um conjunto, "já que Deus criou o ser humano, nascido homem ou mulher".

"Feminismo? Tenho urticária quando vejo falar em mulheres feministas, uma cópia dos Estados Unidos. Num país de tanta fome, como o Brasil, é macaquear falar em feminismo, em exploração atávica da mulher. Homem e mulher são esmagados pelo sistema. A mulher não tem direitos de cidadão e é isso que impede a dignidade da mulher."

Criança abandonada bandeira estadual

Bete Mendes e Zulaiê Cobra Ribeiro, ambas do PMDB, também se apresentam como defensoras da causa feminina. E, como Therezinha Zerbini, falam de outros direitos e conquistas sociais, quando levantam a bandeira da mulher. E, já que mulher é matriz e mãe, impossível esquecer a criança. Lia Junqueira, 49 anos de idade, sete de advogada, fez da criança — principalmente do menor abandonado — a sua plataforma política. É candidata pelo PT, mas sua luta não é federal:

"Quero ser deputada à Assembleia Legislativa e, embora o problema seja nacional, é no Estado que pretendo trabalhar pelas crianças abandonadas. Acredito que este é um problema político. Se não se consegue fazer nada, é porque a origem do menor é a classe pobre. Luto neste campo há 20 anos e desde 1979 trabalho com o Movimento em Defesa do Menor. Partimos da cidadania do menor, explicando às crianças o direito que elas têm: educação, saúde, casa, clubes... Quando entendem isso, deixam de roubar e já não depredam suas escolas. Mas criam um problema, pois passam a exigir seus direitos como qualquer cidadão".

Lia Junqueira, mãe de três filhos, pertenceu ao Conselho Estadual do Menor, mas pediu demissão quando entrou em choque com a Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), com sua presidente Maria Inês Bierrenbach e, de tabela, com todo o governo do PMDB de Franco Montoro. Trabalhou seis meses no Mani-



Sérgio Cardoso de Almeida, fazendeiro, defende, com vigor, a propriedade privada

cômio Judiciário, conseguiu soltar 380 pacientes que estavam presos devido a processos irregulares, mas o ex-secretário José Carlos Dias, da Justiça, proibiu sua entrada, quando ela denunciou a corrupção e tráfico de entorpecentes em Franco da Rocha.

Lia Junqueira, que faz sua campanha rodando num velho Fiat e distribuindo cartazes doados pelos amigos, acha que, mesmo se não for eleita, conseguirá espalhar um pouco mais as suas idéias, chamando a atenção e despertando a consciência das pessoas para o problema da criança abandonada.

Defendeu mutuários.

Quer o voto deles

Começou sua luta em 1979, quando fundou na praça da República uma associação de devedores do BNH às voltas com o aumento das prestações. Presidente da Mutua — Associação dos Mutuários do Sistema Financeiro da Habitação, sempre no mesmo endereço, o nordestino José Augusto Freire Sobral (nasceu há 43 anos na pequena cidade de Boquim, em Sergipe, mas criou-se na Bahia) ficou conhecido em São Paulo pela sua campanha contra o aumento das prestações.

"As condições do escritório são

precárias, mas temos aqui informações preciosas", observa ele, calculando em mais de 30 mil o número de mutuários que já bateram à sua porta. Nem todos são associados, mas a maioria vai receber uma carta do candidato Sobral — solteiro, mutuário e morador de um apartamento de três dormitórios no bairro do Sumaré — pedindo o seu voto. Prestação e saldo devedor estão congelados pelo Plano Cruzado, o advogado acha que o pesadelo dos aumentos e da correção monetária poderá voltar em março.

"Se isso acontecer, os mutuários precisarão de ter alguém em Brasília para defender os seus interesses e foi por isso que me candidatei pelo PMDB", explica ele, mostrando o argumento que costuma levar aos comícios nos conjuntos habitacionais da periferia de São Paulo. Casa própria é a sua grande bandeira, mas não é a única: como funcionário de um hospital de câncer, defende também mais assistência no campo da saúde para quem não pode pagar médico e remédio.

O alvo principal são os eleitores das Cohabs, aos quais ele está encaminhando agora um modelo de requerimento que exige do prefeito Jânio Quadros a escritura definitiva de casas e apartamentos dos conjuntos habitacionais. Junto com o requerimento, uma cartinha mostrando que esse é mais um "serviço" de Sobral.

A vítima reage

contra o assalto

Paulo Roberto Grillo, tornou-se, aos 39 anos de idade, um campeão: é o homem mais assaltado em São Paulo, com um recorde de 71 ocorrências registradas na polícia. Resolveu reagir contra a violência, mas não é contra ladrões e marginais que ele vai à luta, quando se apresenta como candidato à Constituinte pelo PDT.

"Sou roubado desde os 14 anos de idade, quando cheguei de Baurer e fui trabalhar no Cambuci, mas nunca imaginei que um dia fosse furtado pelo sistema financeiro. Vendo na televisão a notícia de liquidação dos bancos Auxiliar, Comind e Maisnave, quase desmaiei."

Grillo mostra os talões do Maisnave, mas não diz quanto perdeu. "Sou apenas um dos 320 mil lesados pelo governo", explica ele, contando como decidiu fundar a Associação 19 de Novembro, para defender os interesses das vítimas. Pediu o estúdio do Pacaembu emprestado para a primeira reunião, em dezembro, mas João Mendonça Falcão, coordenador esportivo da Secretaria de Esportes e Turismo, negou. Os aplicadores reuniram-se numa igreja, "pois o padre também era vítima".

Candidato a vereador pelo PDS em 82, ele teve apenas 2.500 votos, apesar da façanha de estender uma faixa de cem metros com

seu nome entre postes da Avenida Paulista. Agora, apoiando Antônio Ermírio e fazendo dobradinhas com candidatos do Interior, espera eleger-se constituinte para lutar contra os escândalos financeiros.

Esta é também a plataforma do advogado Walter do Amaral, que fundou o MDB em Araraquara, sua terra, mas optou pelo PT quando veio a reforma partidária. "Um voto contra o crime do colarinho branco", prega ele em sua campanha, investindo principalmente contra Paulo Maluf. Foi advogado do BNDES no caso Lufaluf, entrou com ações populares contra os escândalos da Paulpetro e da Delfin, além de tentar impedir a construção de um cemitério em São Carlos e o fechamento de uma rua pelo Exército em Itu. Walter Amaral, de 41 anos, diz que o eleitor não o identifica com a linha sindicalista do PT, mas acredita que esse é o melhor partido para quem briga com Maluf.



"Entre nele porque vi ser impossível a infiltração malufista de que o PMDB não escapou".

Constituinte, uma esperança de vida

Ecologia, qualidade de vida e meio ambiente. Os nomes variam, mas o ideal é um só na luta do advogado e administrador de empresas Fábio Feldmann em defesa do homem e da natureza. Há 12 anos ele vem defendendo essa causa na Oikos, uma entidade que tem agora o apoio de mais 210 grupos, todos preocupados com o futuro da Terra e com aqueles que nela vivem. Fábio Feldmann resolveu levar essa batalha até Brasília e para isso se candidatou à Constituinte pelo PMDB. Inscreveu-se no partido na última hora, só porque não poderia ser candidato avulso. Seu alvo eleitoral são principalmente os estudantes universitários, aos quais dirige a maioria de suas palestras - 200 até a primeira semana de outubro. Feldmann, que já defendeu Cubatão, Billings e o Pantanal, coordena uma comissão de meio ambiente na OAB e trabalha no "SOS Mata Atlântica", pela preservação do litoral. No comitê que instalou na avenida Brigadeiro Luís Antônio, 4.442, tem a ajuda só de voluntários ecologistas e, na parede, um cartaz contra a ameaça da catástrofe nuclear. O objetivo de Feldmann, é transformar em lei o que até há pouco tempo parecia sonho de loucos idealistas.



Therezinha Zerbini, viúva, luta pelos direitos da mulher, mas não é feminista



Lia Junqueira, advogada, vela pela criança abandonada, no âmbito estadual



José Augusto Sobral, nordestino, pede os votos dos mutuários do BNH e diz por quê



Paulo Roberto Grillo, o mais assaltado de São Paulo, quer o fim dos escândalos

Direitos da mulher.

Mas não o feminismo

Levantou-se contra o movimento de 64 que cassou seu marido, o general Euryale Zerbini, quando ele tentou resistir no II Exército, em defesa de João Goulart. Passou presa o ano de 1970 e cinco anos depois fundou o Movimento Feminino pela Anistia, pregando liberdade e redemocratização. Sua bandeira agora são os direitos femininos e, embora entenda a confusão, não gosta que a chamem de feminista.

Aos 58 anos de idade, viúva e morando sozinha numa confortável casa do Pacaembu, Therezinha Godoy Zerbini enche os olhos de lágrimas quando lembra o marido e os tempos difíceis de sua luta, líder nacional de um movimento que ela define como "semente de liberdade". Mulher, para ela, é uma "educadora nata" e é com esse ideal de influir e transformar os homens que pretende chegar à Assembleia Nacional Constituinte como candidata do PDT, fiel a Leonel Brizola no Rio e trabalhan-